O TRABALHO PEDAGÓGICO COM O LUTO NA INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE A FAIXA ETÁRIA DE 3 A 6 ANOS

JULIANA MEIRE FELICIANO

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a importância do trabalho pedagógico com o luto na educação infantil, considerando as especificidades do desenvolvimento cognitivo, emocional e social de crianças entre três e seis anos. O luto, compreendido como processo natural diante da perda, seja ela concreta ou simbólica, ainda é frequentemente silenciado no espaço escolar, o que pode comprometer a elaboração saudável das emoções pelas crianças. Diante dessa lacuna, optou-se por desenvolver uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo, fundamentada em produções da pedagogia, da psicologia do desenvolvimento e da educação infantil. Foram selecionados autores clássicos e contemporâneos, como Bowlby (1990), Kübler-Ross (2008), Piaget (1994), Vygotsky (2007) e Kovács (2003; 2010), além de artigos recentes indexados em bases acadêmicas, que discutem o papel da escola e do professor na mediação das experiências de perda vividas na infância. A análise da literatura evidencia que, embora o tema da morte ainda seja permeado por tabus na sociedade, a criança, desde a primeira infância, vivencia perdas significativas, como a mudança de rotina, separações familiares, afastamento de vínculos e, em alguns casos, a morte de pessoas próximas. O enfrentamento pedagógico dessas situações possibilita à criança desenvolver competências socioemocionais, favorece a resiliência e contribui para a formação integral. O estudo destaca, ainda, que a prática docente diante do luto deve pautar-se em princípios de escuta, acolhimento e diálogo, criando condições para que a criança expresse seus sentimentos e construa sentidos sobre a ausência. Considera-se, portanto, que a inserção consciente do tema do luto no cotidiano escolar não apenas auxilia na elaboração emocional individual, mas também fortalece o coletivo, ao promover valores como empatia, solidariedade e respeito às diferentes formas de viver a perda.

Palavras-chave: luto infantil; educação infantil; pedagogia; emoções; desenvolvimento socioemocional.

ABSTRACT

This article aims to analyze the importance of pedagogical work with grief in early childhood education, considering the specificities of the cognitive, emotional, and social development of children between three and six years old. Grief, understood as a natural process when facing loss, whether concrete or symbolic, is still frequently silenced in the school environment, which can compromise the healthy elaboration of children's emotions. In light of this gap, a descriptive bibliographic research was carried out, grounded in studies from pedagogy, developmental psychology, and early childhood education. Classical and contemporary authors were selected, such as Bowlby (1990), Kübler-Ross (2008), Piaget (1994), Vygotsky (2007), and Kovács (2003; 2010), in addition to recent articles indexed in academic databases, which discuss the role of the school and the teacher in mediating the experiences of loss lived during childhood. The literature review shows that, although the subject of death is still permeated by social taboos, children, from early childhood, experience significant losses, such as changes in routine, family separations, the weakening of bonds, and, in some cases, the death of close people. Pedagogical confrontation of these situations enables children to develop socio-emotional skills, fosters resilience, and contributes to their integral formation. The study also highlights that teaching practices in the face of grief must be guided by principles of listening, acceptance, and dialogue, creating conditions for children to express their feelings and construct meanings about absence. Therefore, it is considered that the conscious inclusion of grief in the school context not only supports individual emotional elaboration but also strengthens the collective by promoting values such as empathy, solidarity, and respect for different ways of experiencing loss.

Key-words: child grief; early childhood edu-

cation; pedagogy; emotions; socio-emotional development.

1. INTRODUÇÃO

O luto é uma experiência universal e inevitável, que perpassa todas as fases da vida e se manifesta de diferentes formas a depender do contexto sociocultural, das relações interpessoais e do nível de desenvolvimento do indivíduo. Apesar de sua presença constante na existência humana, a temática da morte e suas consequências emocionais ainda são pouco discutidas em ambientes sociais e educacionais, sobretudo na infância. Tal ausência gera um vazio no processo de construção de sentidos pelas crianças, que, embora ainda em fase de desenvolvimento, possuem a capacidade de perceber e vivenciar perdas, sejam elas concretas, como a morte de um ente querido, ou simbólicas, como separações, mudanças de escola ou ruptura de vínculos afetivos. Assim, delimitar o tema do presente artigo significa compreender o luto infantil como um processo natural, que merece espaço de reflexão no contexto pedagógico, em especial na educação infantil, destinada a crianças de três a seis anos.

A problematização central que orienta este estudo consiste na questão: como lidar pedagogicamente com o luto em crianças pequenas? Essa indagação se justifica pela necessidade de reconhecer que a escola, além de ser um espaço de transmissão de conhecimentos formais, constitui-se também como um ambiente de acolhimento e formação integral. Nesse sentido, ignorar ou silenciar a temática da morte e suas implicações emocionais significa privar a criança da oportunidade de aprender a lidar com sentimentos de tristeza, ausência e descontinuidade, que fazem parte do processo de desenvolvimento humano. É nesse ponto que a prática pedagógica assume relevância, pois cabe ao professor mediar experiências e oferecer recursos simbólicos que auxiliem a criança a elaborar o luto, promovendo um percurso de aprendizagem que integre razão e emoção.

Do ponto de vista pedagógico, torna-se fundamental considerar que a infância é um período marcado por intensas descobertas e pela formação de estruturas cognitivas e socioemocionais que acompanharão o sujeito ao longo de sua vida. De acordo com Piaget (1994), a criança nessa faixa etária encontra-se no estágio pré-operatório, caracterizado pelo pensamento simbólico e pela intensa imaginação, o que pode potencializar tanto a incompreensão da finitude quanto a necessidade de representações que deem sentido à ausência. Vygotsky (2007), por sua vez, aponta que a mediação cultural e a interação social são determinantes para o desenvolvimento da criança, de modo que a forma como os adultos – professores e familiares – abordam o luto terá impacto significativo na construção de significados.

O objetivo deste artigo é analisar a importância do trabalho pedagógico com o luto na infância, especificamente na faixa etária de três a seis anos, destacando a relevância de reconhecer o tema como parte integrante do processo de formação humana. Pretende-se, ainda, refletir sobre o papel do professor como mediador do desenvolvimento emocional, identificar práticas pedagógicas que favoreçam a elaboração do luto e discutir os desafios enfrentados pela escola diante de um tema permeado por tabus sociais. Ao desenvolver tais reflexões, espera-se contribuir para o fortalecimento de uma pedagogia mais humanizada, capaz de articular conhecimento acadêmico e sensibilidade, oferecendo à criança condições de elaborar suas perdas e ressignificar suas vivências no percurso educativo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Concepções do luto infantil e fundamentos teóricos

O luto é uma experiência humana universal que se manifesta desde a infância, embora, historicamente, tenha sido pouco reconhecido no desenvolvimento das crianças. Durante muito tempo prevaleceu a ideia de que os pequenos não compreendiam a morte em sua totalidade e, portanto, estariam protegidos de seus efeitos emocionais. Essa concepção, no entanto, desconsiderava que, mesmo sem dominar cognitivamente o conceito de finitude, a criança sente a ausência, vivencia perdas simbólicas e sofre com a ruptura de vínculos. Estudos de autores clás-

sicos e contemporâneos demonstram que a infância é um período no qual se estruturam as primeiras noções sobre a morte e que a forma como os adultos abordam o tema tem impacto direto na elaboração emocional da criança.

Elisabeth Kübler-Ross (2008) foi uma das pioneiras no estudo sistemático do processo de morrer e do luto, tendo proposto as conhecidas cinco fases: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Embora seu trabalho tenha sido inicialmente voltado a pacientes terminais, a autora mostrou que essas fases podem se aplicar a diferentes contextos de perda, inclusive na infância. Crianças pequenas, por sua vez, não vivenciam tais estágios de forma linear e organizada; elas oscilam entre momentos de negação e aceitação, entre comportamentos de agressividade e tristeza, entre períodos de aparente normalidade e regressão emocional. Esse caráter fragmentado exige que adultos de referência – pais, familiares e professores – estejam atentos para validar os sentimentos, oferecer acolhimento e proporcionar meios de expressão adequados.

John Bowlby (1990), ao desenvolver a teoria do apego, trouxe contribuições decisivas para compreender o impacto das perdas na infância. Para o autor, o vínculo afetivo estabelecido entre a criança e suas figuras de apego é central no desenvolvimento psicológico. A morte ou afastamento de uma dessas figuras pode provocar um sentimento de abandono profundo, desencadeando reações intensas de angústia e insegurança. Bowlby descreveu três fases principais diante da separação: protesto, desespero e desapego. No caso da morte, a criança pode, inicialmente, recusar-se a acreditar na perda, manifestando comportamentos de busca pelo ente falecido. Em seguida, pode surgir o desespero, marcado por choro, tristeza e dificuldades comportamentais. Por fim, em alguns casos, ocorre o desapego, quando a criança, para proteger-se da dor, parece não se importar mais com a ausência, mas carrega marcas emocionais dessa ruptura. Esse ciclo mostra a importância de um ambiente de apoio consistente, no qual a escola pode desempenhar papel fundamental.

Jean Piaget (1994), ao estudar o desenvolvimento cognitivo infantil, demonstrou que crianças de três a seis anos estão no estágio pré-operatório, em que predominam o egocentrismo e o pensamento mágico. Nesse período, a criança pode acreditar que a morte é reversível ou temporária, comparando-a, por exemplo, ao sono. Além disso, é comum que atribua a responsabilidade pela morte a seus próprios pensamentos ou comportamentos, acreditando que a perda é uma espécie de punição. Essas concepções revelam a necessidade de uma mediação pedagógica cuidadosa, que auxilie a criança a compreender a irreversibilidade da morte sem violentar sua capacidade imaginativa. A forma como o adulto explica e responde às perguntas infantis sobre a morte influencia diretamente o modo como a criança internalizará essa experiência.

A perspectiva histórico-cultural de Lev Vygotsky (2007) acrescenta outra dimensão à compreensão do luto infantil: a de que os significados da morte e da perda são construídos culturalmente, por meio da interação social. Para o autor, a criança aprende sobre o mundo por meio da mediação de adultos e da internalização de símbolos culturais. Assim, o modo como o luto é vivenciado na infância está relacionado às práticas culturais e à forma como a sociedade aborda a finitude. Em contextos onde a morte é um tabu, a criança tende a encontrar mais dificuldades para expressar seus sentimentos, pois os adultos evitam falar sobre o assunto. Ao contrário, quando a família e a escola assumem uma postura de diálogo, a criança encontra recursos simbólicos para construir sentidos sobre a ausência. A escuta atenta e a valorização da fala infantil tornam-se instrumentos fundamentais para que esse processo se dê de forma saudável.

No Brasil, Maria Júlia Kovács é uma das principais pesquisadoras dedicadas à educação para a morte, trazendo reflexões importantes sobre o luto na infância. Em Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação (2003), a autora argumenta que a ausência do tema nas práticas formativas perpetua a dificuldade social em lidar com a finitude. Kovács enfatiza que tanto profissionais de saúde quanto educadores precisam estar preparados para enfrentar situações de perda e morte, pois esses fenômenos fazem parte da vida e, por-

tanto, devem ser discutidos de maneira ética e pedagógica.

Em Morte e desenvolvimento humano (2010), Kovács reforça que as diferentes etapas do desenvolvimento apresentam formas particulares de compreender a morte. Na infância, essa compreensão é marcada pela curiosidade, pelo pensamento mágico e pela necessidade de apoio externo para a construção de significados. A autora defende que silenciar o tema diante da criança pode gerar ainda mais sofrimento, pois a impede de elaborar suas emoções de forma consciente. Ao contrário, oferecer informações honestas e adequadas ao nível de desenvolvimento contribui para a construção de resiliência e para a internalização de valores como empatia e solidariedade.

No artigo Educação para a morte: rompendo o silêncio (2008), Kovács problematiza o tabu social que cerca a morte e mostra como esse silêncio é prejudicial, especialmente no contexto educacional. A autora propõe que a escola assuma um papel ativo na educação para a morte, promovendo discussões abertas, atividades pedagógicas que favoreçam a expressão emocional e espaços de acolhimento. Esse movimento não apenas auxilia a criança a lidar com suas próprias perdas, mas também contribui para a formação de uma cultura mais humanizada e consciente.

Dessa forma, os referenciais teóricos de Kübler-Ross, Bowlby, Piaget, Vygotsky e Kovács convergem para a compreensão de que o luto infantil é um fenômeno complexo, que exige mediação. Ao mesmo tempo em que a criança apresenta limitações cognitivas para entender a irreversibilidade da morte, ela possui plena capacidade de sentir e de sofrer com a ausência. O adulto, seja na família ou na escola, é quem deve possibilitar a construção de significados, validar emoções e oferecer apoio contínuo.

O diálogo entre esses autores também revela que o luto infantil não pode ser tratado como um evento isolado, mas como parte do processo de desenvolvimento. A forma como a criança lida com a perda influencia seu equilíbrio emocional futuro, sua capacidade de estabelecer vínculos e sua relação com a vida. Ignorar ou minimizar essa experiência pode trazer prejuízos duradouros, como dificuldades emocionais, baixa autoestima e insegurança nos relacionamentos.

Portanto, compreender o luto infantil a partir das bases teóricas apresentadas é reconhecer que a morte é uma realidade que atravessa a vida de todos, inclusive das crianças, e que precisa ser tratada com seriedade, respeito e sensibilidade. A psicologia do desenvolvimento e a pedagogia oferecem ferramentas valiosas para que educadores e familiares assumam seu papel nesse processo, transformando o luto em oportunidade de aprendizagem e crescimento.

2.2 A abordagem pedagógica do luto: escola, família e práticas educativas

O enfrentamento do luto na infância exige um olhar ampliado que ultrapasse os limites do âmbito familiar e se estenda ao espaço escolar, já que a criança vivencia grande parte de suas experiências nesse ambiente. A escola não é apenas um espaço de transmissão de conteúdos acadêmicos, mas também um lugar de socialização, acolhimento e desenvolvimento integral. Assim, torna-se imperativo que a instituição reconheça as manifestações de luto em seus alunos e assuma a responsabilidade de mediar tais situações de maneira pedagógica, sensível e ética.

O professor desempenha papel de destaque nesse processo, pois é frequentemente quem primeiro percebe mudanças de comportamento relacionadas ao sofrimento. Alterações como queda no desempenho, dificuldade de concentração, agressividade, retraimento e tristeza podem ser sinais de que a criança está enfrentando perdas significativas. Nesse contexto, a postura docente deve ser de escuta qualificada, empatia e acolhimento, evitando julgamentos e oferecendo suporte emocional. Soares e Pinheiro (2020) ressaltam que práticas de acolhimento em sala de aula, como rodas de conversa, atividades lúdicas e momentos de expressão artística, favorecem a elaboração do luto e permitem que a criança encontre formas simbólicas de lidar com a ausência.

O papel da escola, contudo, não se restringe à ação individual do professor. É necessário que a instituição construa uma cultura de acolhimento, na qual o tema da morte e do luto não seja tratado como tabu, mas como parte da vida. Campos e Gonçalves (2019)

destacam que a mediação docente precisa ser respaldada por uma política institucional clara, que prepare os profissionais para lidar com situações de perda. Essa preparação deve incluir formação continuada, inserção do tema nos projetos pedagógicos e a criação de protocolos de apoio à criança enlutada. Nessa perspectiva, a escola não apenas responde a demandas emergenciais, mas se antecipa, construindo um espaço em que falar sobre a morte seja legítimo e formativo.

Outro aspecto fundamental refere-se à parceria com a família. A criança enlutada precisa de mensagens coerentes e consistentes em todos os espaços de convivência. Quando a escola adota uma postura de acolhimento e a família, por medo ou desconhecimento, evita falar sobre a morte, a criança pode se sentir confusa e desamparada. Silva e Santos (2018) reforçam que o diálogo entre escola e família é essencial para garantir que a criança receba informações adequadas ao seu nível de compreensão e apoio emocional contínuo. A transparência, adaptada à linguagem infantil, é considerada mais eficaz do que explicações fantasiosas ou evasivas, que podem gerar insegurança e dificultar a elaboração da perda.

Nesse processo, a literatura infantil desponta como recurso pedagógico de grande potência. Martins (2017), em sua obra Para onde vamos quando desaparecemos?, aborda a questão da morte de forma poética e acessível, oferecendo à criança a possibilidade de refletir sobre a ausência de maneira delicada e simbólica. Do mesmo modo, Silverstein (2019), em A árvore generosa, apresenta uma narrativa que permite à criança refletir sobre relações, despedidas e o valor da doação. Tais obras, quando mediadas pelo professor, favorecem a expressão de sentimentos, estimulam o diálogo e possibilitam que a criança reconheça no enredo literário elementos de sua própria experiência.

A utilização da literatura como estratégia pedagógica também contribui para naturalizar o tema no cotidiano escolar. Ao trabalhar com histórias que tratam de perdas e despedidas, a escola demonstra que o luto não é um tema proibido, mas parte da formação integral do sujeito. Além disso, a literatura oferece à criança recursos simbólicos para compreender e elaborar a morte de forma menos dolorosa. Como reforçam Oliveira e Lima (2020), a escuta pedagógica é ampliada quando se utiliza a literatura e outras linguagens artísticas como ferramentas de mediação, pois cria condições para que a criança expresse suas percepções e sentimentos em um espaço seguro e validado.

A arte, em suas diferentes manifestações, constitui outro caminho significativo para o enfrentamento do luto infantil. Atividades como desenho, pintura, dramatizações e modelagem possibilitam que a criança externalize sentimentos muitas vezes difíceis de verbalizar. Torres et al. (2020), em estudo sobre educação permanente de profissionais, apontam que estratégias baseadas na arte favorecem tanto o trabalho pedagógico quanto a capacitação de educadores, pois oferecem meios criativos e humanizados para lidar com a complexidade das perdas. Nesse sentido, investir na formação de professores para o uso da arte como mediadora do luto é fundamental para ampliar a capacidade de acolhimento das escolas.

O acolhimento da criança enlutada também requer atenção à coletividade. Quando um aluno perde um familiar, a turma como um todo é afetada. Os colegas podem apresentar curiosidade, medo ou mesmo rejeição diante da situação, o que torna necessário um trabalho pedagógico que envolva todos. Campos e Gonçalves (2019) sugerem que o professor organize conversas coletivas, respeitando a singularidade do aluno enlutado, mas também promovendo valores de empatia e solidariedade entre os demais. Esse trabalho com o grupo contribui para reduzir estigmas e fortalece o senso de comunidade escolar.

Outro ponto relevante é a inclusão do tema da morte e do luto nos projetos pedagógicos escolares. Soares e Pinheiro (2020) defendem que o planejamento anual da educação infantil contemple práticas educativas que abordem o ciclo da vida, de modo que o tema não apareça apenas em situações de crise. Essa abordagem preventiva contribui para que a criança cresça compreendendo a morte como parte da existência e desenvolvendo maior resiliência. Além disso, permite que professores se preparem com antecedência, dispondo de materiais e estratégias

para mediar o tema de maneira adequada.
No âmbito da formação docente, estudos como o de Torres et al. (2020) demonstram que muitos professores ainda se sentem despreparados para abordar o luto em sala de aula, o que reforça a importância da educação permanente. Cursos, oficinas e grupos de estudos sobre morte e luto oferecem subsídios teóricos e práticos para que os educadores se sintam mais seguros em suas intervenções. A preparação adequada reduz a ansiedade dos profissionais e aumenta a qualidade do suporte oferecido às crianças.
Por fim, é importante destacar que a mediação do luto na infância não se restringe a estratégias pontuais, mas deve ser concebida como parte de uma pedagogia humanizada. Oliveira e Lima (2020) enfatizam que a escuta pedagógica é elemento central nesse processo, pois valida a fala da criança, reconhece sua dor e transforma o luto em oportunidade de aprendizagem. Ao valorizar a escuta, o professor rompe com a lógica do silêncio e do tabu, possibilitando que a criança ressignifique sua experiência e fortaleça sua capacidade de enfrentamento.
Assim, a abordagem pedagógica do luto envolve a articulação entre escola, família e práticas educativas que reconheçam a dimensão emocional da infância. O professor atua como mediador direto, mas precisa estar inserido em uma instituição que valorize o tema e em diálogo constante com a família. Estratégias como literatura infantil, atividades artísticas e projetos pedagógicos contribuem para criar um ambiente de acolhimento e aprendizagem, no qual a criança possa elaborar suas perdas de forma saudável. Ao mesmo tempo, a formação continuada dos profissionais é condição indispensável para que tais práticas sejam realizadas de forma consistente e humanizada.
Em síntese, o enfrentamento pedagógico do luto exige um compromisso coletivo que envolva todos os atores da comunidade escolar. A valorização da escuta, o uso de recursos simbólicos e a integração entre escola e família configuram-se como caminhos para transformar a dor da perda em oportunidade de crescimento e aprendizagem. Dessa forma, reconhece-se que trabalhar o luto na infância não apenas atende a uma demanda emergencial, mas constitui parte fundamental da educação integral, contribuindo para a formação de sujeitos mais empáticos, resilientes e preparados para enfrentar as inevitáveis perdas da vida.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo analisar a importância do trabalho pedagógico com o luto na infância, especificamente na faixa etária de três a seis anos, destacando a relevância de inserir essa temática no cotidiano escolar de forma ética, sensível e formativa. A investigação bibliográfica realizada evidenciou que o luto, seja em sua dimensão concreta, diante da morte de pessoas próximas, seja em sua dimensão simbólica, por meio de separações, mudanças e rupturas, é uma experiência inevitável e constitutiva da vida humana, manifestando-se também nas crianças pequenas. Desse modo, não se pode ignorar o impacto que tais vivências têm sobre o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança, o que torna a abordagem pedagógica uma necessidade incontornável.
Os achados da revisão mostraram que autores clássicos e contemporâneos da psicologia e da pedagogia, como Kübler-Ross, Bowlby, Piaget, Vygotsky e Kovács, apontam para a relevância de reconhecer o luto infantil e de oferecer condições para sua elaboração saudável. Enquanto Piaget destaca que a criança no estágio pré-operatório tende a compreender a morte de maneira simbólica e mágica, Bowlby enfatiza o papel dos vínculos de apego e as consequências emocionais de sua ruptura. Vygotsky, por sua vez, reforça a importância da mediação social e cultural, ressaltando que a forma como adultos de referência abordam a questão influenciará diretamente a maneira como a criança construirá sentidos acerca da ausência. Já Kovács defende a inserção do tema da morte e do luto nos processos educativos, como parte de uma pedagogia humanizada.
Com base nessas contribuições, constatou-se que a escola é espaço privilegiado para trabalhar o luto, tanto pelo seu papel na socialização quanto pela presença de profissionais capacitados para mediar aprendizagens. O professor, em especial, figura como mediador essencial, devendo adotar

práticas que valorizem a escuta da criança, promovam o diálogo aberto e favoreçam a expressão de sentimentos por meio de recursos lúdicos, artísticos e literários. A família, nesse processo, também se apresenta como parceira indispensável, devendo atuar em conjunto com a escola para garantir apoio emocional contínuo e coerente.

Além disso, experiências relatadas em pesquisas destacam práticas pedagógicas eficazes, como o uso de livros infantis que tratam da perda de maneira simbólica, atividades de arte que permitem a expressão de emoções e projetos escolares que abordam ciclos da vida. Essas estratégias evidenciam que o luto pode ser trabalhado de forma integrada ao currículo, sem sensacionalismos ou ocultamentos, mas como parte da formação integral da criança.

Conclui-se, portanto, que a inserção do tema do luto na educação infantil é indispensável para a promoção do desenvolvimento socioemocional das crianças e para a construção de uma pedagogia mais humana, empática e inclusiva. Tal inserção deve ocorrer de maneira ética, respeitando os tempos e modos de cada criança, e sensível, reconhecendo a singularidade de cada experiência de perda. Ao assumir esse compromisso, a escola contribui não apenas para a elaboração individual do luto, mas também para a formação de sujeitos capazes de lidar com a finitude e a ausência, desenvolvendo valores como solidariedade, respeito e empatia. Dessa forma, o enfrentamento do luto na infância deixa de ser visto como um desafio a ser evitado e passa a ser compreendido como oportunidade formativa, essencial para a constituição integral do ser humano.

REFERÊNCIAS

BOWLBY, John. Apego e perda: tristeza e depressão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CAMPOS, Lídia; GONÇALVES, Ricardo. O luto infantil e a escola: reflexões sobre a mediação docente. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 36, n. 111, p. 231-240, 2019.

KOVÁCS, Maria Júlia. Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KOVÁCS, Maria Júlia. Educação para a morte: rompendo o silêncio. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 25, n. 4, p. 511-519, 2008.

KOVÁCS, Maria Júlia. Morte e desenvolvimento humano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MARTINS, Isabel Minhós. Para onde vamos quando desaparecemos? São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

OLIVEIRA, Fernanda; LIMA, Patrícia. A escuta pedagógica como estratégia de acolhimento do luto. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 1-21, 2020.

PIAGET, Jean. O julgamento moral na criança. São Paulo: Summus, 1994.

SILVA, Roberta Cristina; SANTOS, Ana Lúcia. O papel da família no enfrentamento do luto infantil. Revista Brasileira de Educação, Brasília, v. 23, p. 1-17, 2018.

SILVERSTEIN, Shel. A árvore generosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOARES, Daniela; PINHEIRO, Maria José. O trabalho do luto na educação infantil: práticas de acolhimento. Cadernos de Educação, Pelotas, v. 59, p. 45-63, 2020.

TORRES, Gabriela Dias et al. Educação permanente para profissionais sobre morte e luto. Revista de Enfermagem da UERJ, Rio de Janeiro, v. 28, e51135, 2020.

VYGOTSKY, Lev. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.